

# COM QUANTOS OLHARES SE FAZ UM INTELLECTUAL: DIFERENTES NARRATIVAS SOBRE A TRAJETÓRIA DE OLIVEIRA SILVEIRA

SANTA JULIA DA SILVA<sup>1</sup>; ROSANE APARECIDA RUBERT<sup>2</sup>

Universidade Federal de Pelotas- [gjuliodasilva@gmail.com](mailto:gjuliodasilva@gmail.com)

Universidade Federal de Pelotas - [rosru@uol.com.br](mailto:rosru@uol.com.br)

## 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como propósito apresentar um relato parcial da pesquisa em desenvolvimento no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pelotas. A mesma tem como objetivo desenvolver uma análise sobre a trajetória política e intelectual do poeta e ativista do movimento negro Oliveira Silveira. Almeja-se refletir como uma trajetória individual pode ser pensada, apropriada e (re) significada como narrativa importante ao pensamento social brasileiro, enquanto uma forma discursiva contra hegemônica.

Oliveira Ferreira da Silveira nasceu em 1941, poeta e militante do movimento negro, era natural de Rosário do Sul, município situado na Fronteira Oeste do estado do Rio Grande do Sul, faleceu em 2009, deixando uma significativa produção intelectual.

Como perspectiva teórica esse estudo se filia à não contradição entre história e cultura. Adotamos a perspectiva de que os significados sempre são colocados em risco na ação, pois os sujeitos interpretam os eventos históricos através de conceitos informados pelo sistema cultural e esse é um sistema aberto (SHALINS, 2006). De outra perspectiva, essa pesquisa busca uma aproximação com a teoria pós-colonial, na medida em que essa tem buscado apreender a dinâmica política e cultural de grupos não hegemônicos, no contexto da sociedade contemporânea e dos fenômenos de globalização, de migração e de diásporas culturais. Aqui cultural e política são pensadas enquanto categorias inter-relacionadas uma na outra. Adotamos essa dimensão na análise da trajetória de Oliveira Silveira, considerando os estudos que identificam nas manifestações expressivas das culturas da diáspora, a política de realização e a política de transfiguração (GILROY, 2001). Na primeira teríamos a questão das lutas políticas e sociais não alcançadas pelo presente. E a segunda remete a ordem do dramático e do performativo, da quase invisibilidade. E nessa perspectiva de invisibilidade que a literatura torna-se uma manifestação importante na consolidação de uma poética da invisibilidade na qual se torna possível dizer o indizível e ver o invisível. A literatura torna-se um *entre-lugar*, um interstício de subversão. (BHABHA, 2003).

Oliveira Silveira apresenta uma trajetória multifacetada, sempre com uma articulação constante entre um fazer ético e estético. O primeiro representado na sua atuação como protagonista de ações importantes à constituição do movimento negro contemporâneo. A segunda representada pela densidade de ações e intervenções no plano da cultura, pois além de poeta dedicou-se a música, a dança ao teatro, sendo também um pesquisador minucioso e autodidata sobre história e cultura da África e dos povos diaspóricos.

Assim, a pesquisa deseja contextualizar a particularidade dessa trajetória, indicando Oliveira Silveira como um produtor de novas formas discursivas que

contribuíram para ressignificar a memória da escravidão no país e ao mesmo tempo para redefinição da chamada identidade nacional.

## 2. METODOLOGIA

Dado a natureza do conhecimento que essa pesquisa adota, isto é, uma etnografia frente a uma ausência física, tornam-se pertinentes algumas ponderações sobre a natureza do campo de pesquisa.

A noção de viagem e de confinamento ainda parece acompanhar o imaginário da prática etnográfica. A etnografia multi-situada propõe alterar essa imagem da pesquisa, pois, no contexto da antropologia urbana muitas vezes o “campo de pesquisa”, transita por uma rede de pessoas em contextos dispares de espaço e de sentidos. O estudo de trajetória pressupõe mobilidade. Nesses termos a etnografia de uma trajetória pressupõem um deslocamento. A cidade de Porto Alegre é o principal “*lócus*” de pesquisa, entretanto, a cidade é pensada como um espaço amplo dentro do qual ocorreram diversas situações de campo. Todos os caminhos percorridos buscaram seguir um fio condutor, a vida de Oliveira Silveira.

As discussões, apresentadas a seguir são fragmentos das entrevistas realizadas, através dos quais busco, a partir de um olhar antropológico apresentar Oliveira Silveira.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A primeira observação que trago aqui diz respeito às subjetividades inerentes ao trabalho de campo são questões que nos atravessam e só descobrimos, quando estamos frente a frente com nossos interlocutores. Nenhum manual ou protocolo de pesquisa nos instrumentaliza nessas situações. Falar da trajetória de Oliveira Silveira é falar de um “nós” dentro qual eu estou incluída de forma inexorável, a partir do lugar de onde observo o mundo que muitas vezes se mistura ao olhar qualificado do poeta. Pesquisar a trajetória de Oliveira Silveira é também reafirmar na minha própria trajetória a admiração e reconhecimento pela produção desse intelectual. A pesquisa e a situação de entrevista me conduzem a um caminho de descobertas, diálogo e compartilhamento com meus interlocutores.

As entrevistas procuram descrever Oliveira Silveira a partir da natureza das relações que cada um estabeleceu com ele. Seja reforçando a imagem de Oliveira Silveira como intelectual, como grande poeta ou como protagonista do movimento negro, entretanto, todos são unânimes em reconhecer a importância dessas duas dimensões de sua vida: “*Eu vou sempre reforçar que ele é um grande poeta, sem com isso dizer que é secundário ou menor do que dizer que ele é um grande intelectual negro*” (entrevista realizada em 14 de abril de 2013). Nessa entrevista o interlocutor explicita a sua preocupação de que Oliveira Silveira possa com o tempo ter sua imagem reduzida à figura do proponente do vinte de novembro, como dia consciência negra. Em outra entrevista temos a afirmação contundente do militante “*Ele era um indivíduo, mas ele não militou massageando seu ego, ele sempre militou junto da comunidade e pela comunidade.*” (Entrevista realizada em 10 de abril de 2013).

No âmbito familiar, na fala do neto sobressai a característica de ser Oliveira Silveira um homem de muita paciência e incentivador musical, “*Ele despertou meu interesse pela música Ele me ensinou a ser paciente, nisso o vó era craque, ele era paciente prá tudo. Era um grande incentivador, me deu meu primeiro violão, meu*

*primeiro baixo, me deu as primeiras batucadas no tambor, ah e fez meu primeiro berimbau". (Entrevista realizada em 25 de setembro de 2013). Aqui o relato de uma amiga que conviveu por muitos anos com Oliveira Silveira tendo produzido trabalhos teatrais a partir de sua poesia assim ela o descreveu: "O Oliveira era aquela figura que se tu tinhas uma dúvida qualquer, estava escrevendo alguma coisa, tinha uma dúvida pegava o telefone e ligava para ele, qualquer coisa o Oliveira era a nossa fonte de pesquisa, em qualquer assunto podia conversar com ele, era um cara extremamente amável, extremamente cortês, mas era uma pessoa de convicção, depois que o Oliveira estava convencido de algo ninguém removia o Oliveira, era um cara que depois que dizia que pedra é pedra, pedra é pedra, mas ele não se alterava para te dizer que pedra é pedra." (Entrevista realizada em 26 de setembro de 2013).*

Essa mesma interlocutora relatou diversos atritos na construção de trabalhos comuns decorrentes desse estado de convicção de Oliveira Silveira, entretanto, ela também ressalta que foi esse perfil firme que construiu o 20 de novembro. Ela afirmou que Oliveira Silveira nunca desejou que a data se tornasse uma referência nacional, apenas insistiu com o "Vinte" porque tinha convicção que a data era importante, da mesma forma como para ele nunca foi importante o número de participante nas atividades que organizava, pois ele era movido pelas suas próprias convicções que derivavam de um longo processo de amadurecimento e reflexão. *"Quando tu falava uma coisa pro Oliveira e ele dizia pois é...de forma comprida, tu já sabia que ele ainda estava em processo de construção do seu pensamento e demorava muito para se posicionar. Isso às vezes as pessoas não entendiam."*

Entrevistando sua filha ela relata que seus pais separaram-se quando ela tinha quatro anos de idade, entretanto, sua convivência na infância e adolescência foi de muita amizade, companheirismo e cumplicidade. Relatou como resolveu os problemas que envolviam suas saídas aos finais de semana e os atrasos não tolerados pela sua mãe. *"Meu pai para quem conhece ele sabe que horário é uma coisa muito difícil dele cumprir, eu ficava pronta esperando por ele e ele não vinha, se atrasava e minha mãe já se indignava e dizia: perdeu tanto tempo agora só tem este tempo! Até que chegou os meus 10 anos e eu disse: quer saber? Vamos parar com esta palhaçada de horário, que eu vou ver meu pai a hora que eu quiser; comecei a ir para o centro sozinha passamos a nos encontrar na Galeria Chaves."* Saindo da esfera privada ela assim o definiu: *"Na figura dele não dá para dizer que ele é mais isso, mais aquilo ele é tudo junto, 24hs por dia ele era isso, poeta e militante e até nas relações pessoais, ele militava e fazia poesia, sempre tinha uma letrinha para dar para a gente".*

Outra definição que busca reforçar as duas dimensões de seu fazer: militância e poesia. *"Oliveira era um militante acima de tudo, antes e depois de qualquer coisa o Oliveira era um cidadão negro que lutava pela causa negra, que ele defendia a causa negra, ele defendia a família negra e defendia as nossas questões negras, era um defensor das questões afirmativas, um defensor das cotas, defensor das reparações e era esse cara que unia essa sua militância a escrita".*

#### **4. CONCLUSÕES**

Os dados coletados até o momento embora apontem diferenças entre si, numa análise mais detalhada, sugerem um esforço deliberado, pensado organizado no sentido de construir uma memória entorno de Oliveira Silveira, como sujeito negro, como intelectual negro e como militante do movimento negro, é condição de

homem negro o ponto de partida e de chegada, para as diferentes narrativas que envolvem a sua trajetória. O que o a pesquisa tem possibilitado pensar é num sujeito atravessado por diferentes identidades e por uma pluralidade de conhecimentos que nos leva a sugerir que Oliveira Silveira trilhou em sua trajetória um caminho inverso, a modernidade no que tange ao conhecimento especializado. Ele conhecia muito, sobre muitas coisas.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICA

BHABHA, H. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.

GILROY, P. **O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência**. São Paulo/Rio de Janeiro: Ed. 34; UCM, 2001.

SHALINS, M. **Ilhas de História**. RJ: Jorge Zahar, 2006.